



**O Benzimento como Práxis Pedagógica Antirracista**

**Blessing Practices as an Antiracist Pedagogical Praxis**

Marcia Denise de Lima Dias  
Jaqueleine Garcia Cavalheiro Almeida  
Adonias Nelson da Luz  
Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Guarapuava-Brasil

**Resumo**

A pesquisa aborda o benzimento como prática além da espiritualidade, essencial para a saúde comunitária e preservação de saberes tradicionais, analisada no contexto educacional. Utilizando uma metodologia qualitativa, investiga como a prática das benzedeiras, exemplificada em Foz do Jordão e representada por figuras como Dona Bina, atua como resistência cultural e anticolonial. Com a aprovação da Lei Municipal n.º 962/2022, reconhece-se seu valor comunitário. A adaptação ao digital reforça sua relevância contemporânea, enfrentando desafios como preconceito. A conclusão destaca a integração do benzimento na educação como prática pedagógica e antirracista, promovendo solidariedade e empatia.

**Palavras-chave:** Ofício do Benzimento; Prática Pedagógica; Antirracista.

**Abstract**

The research addresses benzimento as a practice beyond spirituality, essential for community health and the preservation of traditional knowledge, analyzed in the educational context. Using a qualitative methodology, it investigates how the practice of benzedeiras, exemplified in Foz do Jordão and represented by figures like Dona Bina, acts as cultural and anti-colonial resistance. The approval of Municipal Law No. 962/2022 recognizes its community value. The adaptation to digital platforms reinforces its contemporary relevance, facing challenges such as prejudice. The conclusion highlights the integration of benzimento into education as a pedagogical and anti-racist practice, promoting solidarity and empathy.

**Keywords:** Benzimento Practice; Pedagogical Practice; Anti-racist.

## O Benzimento como Práxis Pedagógica Antirracista

### Introdução

O ofício do benzimento, longe de ser apenas uma prática espiritual e religiosa, exerce um papel fundamental na manutenção da saúde comunitária e na propagação dos saberes tradicionais. As benzedeiras não apenas oferecem cuidado físico e espiritual, mas também preservam e transmitem conhecimentos ancestrais que moldam a identidade cultural e o bem-estar de suas comunidades. Essa prática, enraizada em contextos históricos e culturais específicos, representa uma forma de resistência à colonização, como sugerido por Nêgo Bispo em sua proposta de contra-colonização, que ressignifica as tradições dos povos afro-pindorâmicos em face da imposição de culturas externas.

A prática da benzeção, especialmente no município de Foz do Jordão, exemplifica essa resistência e continuidade. As benzedeiras são figuras centrais no cuidado com a saúde comunitária, não apenas tratando males físicos, mas também atuando como pontes entre o bem-estar espiritual e social da comunidade. A aprovação da Lei Municipal n.º 962/2022, que oficializa o ofício das benzedeiras em Foz do Jordão, é um marco que reconhece a importância desses saberes populares, valorizando-os como parte essencial da vida comunitária e preservando-os para futuras gerações (Dias, 2019). Essa legislação reflete a aceitação e respeito que a prática do benzimento mantém, mesmo entre aqueles que não a utilizam diretamente, mas que reconhecem sua relevância para o tecido social.

O impacto do benzimento vai além do campo religioso, estendendo-se para a vida cotidiana, na forma de solidariedade e cuidado comunitário. As benzedeiras como Dona Bina, que herdou os saberes de sua mãe, evidenciam como esses conhecimentos são passados de geração em geração, mantendo-se vivos e adaptáveis às demandas contemporâneas. Dona Bina ilustra como o benzimento é mais do que uma prática religiosa, sendo um sistema de apoio comunitário, oferecendo suporte emocional e físico às famílias em momentos de necessidade. A sua fala revela como a preparação para o ofício é um processo de aprendizagem contínua e de responsabilidade com o outro, algo que está profundamente enraizado no ethos comunitário (Dias, 2019).

Nesse contexto, o benzimento pode ser visto como uma prática pedagógica, onde a transmissão de saberes ocorre através da vivência, da experiência direta e do cuidado com o próximo. Esse processo de aprendizado coletivo, no qual se entrelaçam elementos espirituais e práticos, pode ser compreendido como uma práxis pedagógica, um ensinamento que não se limita ao âmbito escolar, mas que permeia a vida social como um todo. Nêgo Bispo, ao

propor a ideia de uma "educação cósmica", destaca que esse tipo de conhecimento não pode ser segmentado ou colonizado, mas deve ser entendido em sua totalidade, como parte de um todo maior e integrado (Nêgo Bispo; Goldman, 2020).

O benzimento, portanto, é um exemplo vivo de como os saberes tradicionais podem ser adaptados aos tempos modernos, sem perder sua essência. Como mencionado por Ngomane (2022), mesmo no mundo virtual, onde muitas vezes falta o contato físico, o benzimento encontrou maneiras de continuar existindo e se expandindo. Benzedeiras como Dona Bina adaptaram seus atendimentos para o formato digital, usando plataformas como o WhatsApp para atender seus consultentes à distância, sem perder a eficácia ou o sentido comunitário de sua prática. Isso evidencia a capacidade de adaptação e resistência dessas tradições, que continuam a oferecer cuidado e acolhimento, mesmo diante das transformações sociais e tecnológicas.

Desse modo, apesar de o benzimento ser considerado um legado rural e católico, continua resistindo, mesmo nas metrópoles, onde se dificultou ter acesso a uma benzedeira. No entanto, independentemente do local onde se encontrem as benzedeiras, seu objetivo continua sendo o mesmo: auxiliar nas dificuldades espirituais e físicas através do cuidado com o outro, do bem comum comunitário, oportunizando assim o fluxo das aprendizagens nos diversos ambientes (Dias, 2024, p. 79-80).

Por outro lado, essa adaptação ao mundo virtual também traz desafios, como o surgimento de novos espaços de vulnerabilidade, onde práticas como o racismo, o cyberbullying e a intolerância religiosa também podem se manifestar. Nesse sentido, o ambiente escolar se torna um espaço crucial para o combate a essas formas de violência e para a promoção de práticas de autocuidado e cuidado coletivo, baseadas nos princípios do benzimento. Ngomane (2022) reforça que a conexão, seja ela presencial ou virtual, é fundamental para a transmissão de saberes e para a preservação da saúde emocional e mental. Assim, o papel das benzedeiras, tanto nas comunidades físicas quanto nas virtuais, torna-se ainda mais relevante em tempos de crescente isolamento social.

Este texto baseia-se na análise de uma tese na área da Educação (Dias, 2024), que investiga como as práticas de cuidado comunitário, exemplificadas no ofício das benzedeiras, podem ser incorporadas à práxis pedagógica como uma ferramenta de resistência ao racismo, ao preconceito e à marginalização. A tese argumenta que a escola, sendo um microcosmo da sociedade, representa um espaço privilegiado para a promoção de valores como a

## O Benzimento como Práxis Pedagógica Antirracista

solidariedade, a empatia e o respeito às tradições culturais. Quando a prática da benzeção é reconhecida e valorizada no contexto escolar, não só contribui para o enriquecimento curricular com saberes tradicionais, mas também atua como um mecanismo de promoção da luta antirracista, fortalecendo a identidade cultural e o sentimento de pertença das crianças e adolescentes (Dias, 2019).

A pesquisa sublinha que o ofício do benzimento é um componente vital na manutenção da saúde comunitária e na transmissão de saberes tradicionais. Ao longo do tempo, esta prática tem resistido às transformações sociais, adaptando-se às novas realidades sem perder sua essência. As benzedeiras, enquanto guardiãs desse conhecimento, desempenham um papel pedagógico essencial, ensinando, por meio de suas práticas, a relevância do cuidado com o outro, da solidariedade e da resistência cultural. A tese defende que, no contexto escolar, essas práticas podem ser usadas como instrumentos poderosos para a construção de um espaço mais inclusivo, respeitoso e consciente das múltiplas formas de conhecimento que constituem a nossa sociedade.

### **Saberes Afro-Indígenas e Saúde Holística em Foz do Jordão**

O ofício do benzimento, uma prática enraizada nas comunidades tradicionais, transcende os cuidados espirituais e de saúde física, atuando como uma verdadeira práxis pedagógica que perpetua os saberes ancestrais afro-indígenas. Em Foz do Jordão, essa prática vai além da religiosidade institucionalizada e se manifesta como uma forma de espiritualidade comunitária, promovendo uma conexão profunda entre os indivíduos e a coletividade, especialmente em momentos de vulnerabilidade e estresse. Nesse sentido, o benzimento representa uma prática holística que integra corpo, mente e espírito, fortalecendo o bem-estar físico e emocional da comunidade e gerando impacto significativo na saúde pública.

Confluência é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual”. [...] [E contrapondo-se a essa lei,] transfluência é a lei que rege as relações de transformação dos elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se mistura se ajunta (Nêgo Bispo, 2015, p. 89).

Os saberes transmitidos pelo ofício do benzimento são propagados por meio da afetividade nas relações comunitárias. Esse contato direto entre benzedeiras e seus consulentes reforça a ideia de que saúde, seja mental ou física, deve ser entendida dentro de um contexto histórico e social específico. A história de Foz do Jordão, com sua ocupação por

indígenas, negros e colonos europeus, moldou a prática do benzimento como uma tradição matricentral, onde as mulheres assumem o papel de guardiãs dos saberes e da saúde da comunidade. A ancestralidade presente nessas práticas se reflete nas trocas de experiências e vivências que ocorrem em cada atendimento (Dias, 2019).

Benzedeira Dona Bina: Minha mãe cuidava de todo mundo, não importava de onde viesse, às vezes chegava ficar um mês fora para acompanhar as mulheres na hora do parto. A mulher começava sentir as dores, vinham buscar minha mãe. Ela cuidava da gestante, fazia as simpatias para a criança nascer bem, massagens, preparava as galinhas pra canja da dieta e ficava lá, até a criança nascer. Eu não gostava muito porque tinha que tomar conta da casa, já que meus irmãos e o pai iam pra roça e porque ficava muito tempo longe da mãe. Depois que minha mãe faleceu as pessoas continuaram procurando por ela, não podia deixar essas pessoas desamparadas (às vezes vinham de muito longe), foi ai que eu entendi quando minha mãe dizia que: “tem que se preparar pra essa vida”, e ela me preparou, me ensinou desde pequena tudo, a rezar, a fazer as simpatias (para casa, para as pessoas), os chás, tudo, mas eu não quis continuar o trabalho de parteira, não me senti preparada pra isso (Dias, 2019, p. 50).

A importância dessa prática comunitária fica evidente na forma como as benzedeiras, ao atenderem seus consulentes, diagnosticam problemas tanto espirituais quanto físicos e oferecem soluções integradas. Além de aplicar chás, simpatias e benzimentos, elas sabem quando é necessário encaminhar o paciente para cuidados médicos convencionais, estabelecendo, assim, uma ponte entre o saber tradicional e a medicina moderna. Essa integração de saberes é um reflexo da visão cosmológica de saúde da comunidade, onde corpo e alma não são tratados separadamente, mas como partes indissociáveis de um todo maior (Dias, 2019).

O papel das benzedeiras vai além do cuidado imediato. Elas desempenham uma função pedagógica essencial ao transmitir esses saberes para as novas gerações (Dias, 2024). Essa transmissão ocorre de maneira informal, por meio da convivência e do exemplo, mas também de forma prática, quando ensinam simpatias e rezas às consulentes. Esse processo de aprendizado perpetua uma tradição que resiste ao tempo, adaptando-se às mudanças sociais e tecnológicas. Mesmo com o advento das redes sociais, as benzedeiras encontraram formas de continuar seu trabalho, realizando atendimentos à distância, via WhatsApp ou ligações, demonstrando a flexibilidade e a resiliência desse saber tradicional (Ngomane, 2022).

Você não precisa viver fisicamente próximo a outras pessoas para experimentar o senso de comunidade com elas. Quando usadas para o bem, as redes sociais podem fornecer um importante meio de expressão para muita gente. Qualquer pessoa com

## O Benzimento como Práxis Pedagógica Antirracista

acesso à internet pode participar de conversas e expressar a si mesmo e seus pontos de vista para o mundo todo em segundos. Estamos mais conectados e somos capazes de compartilhar informações de modo mais rápido do que nunca na história (Ngomane, 2022, p. 37).

No contexto da educação formal, o benzimento e os saberes tradicionais que ele representa têm muito a oferecer. A escola pode e deve ser um espaço de resistência e valorização dessas práticas, principalmente em um mundo que frequentemente privilegia o cientificismo em detrimento das culturas populares. Incorporar essas práticas como parte da práxis pedagógica, especialmente na educação infantil e no ensino fundamental, é uma forma de apresentar às crianças diferentes modos de ver o mundo e de se conectar com o outro. Como afirma uma benzedeira de Foz do Jordão: "Aprendíamos vendo nossos pais, principalmente a mãe, sempre na barra da saia dela, ouvindo, prestando atenção e aprendendo" (Dias, 2019, p. 37). Esse aprendizado por meio da convivência e da prática ainda é essencial, mesmo em um ambiente escolar.

O afeto, nesse contexto, cumpre uma função social de integração. Ele fortalece os laços comunitários e promove o bem-estar coletivo, combatendo as forças que geram ódio e preconceito, como o racismo. Para Nêgo Bispo, o motor social do racismo é o ódio, e a maneira de combatê-lo é através do cultivo dos afetos, dos sentimentos positivos que unem as pessoas e promovem o bem comum. A filosofia do *ubuntu*, que prega que "eu sou porque nós somos", está profundamente presente na prática do benzimento, onde a cura e o cuidado são sempre compartilhados, nunca individuais (Nêgo Bispo; Goldman, 2020).

Nêgo Bispo entende a colonização e a educação como um processo etnocêntrico que visa substituir uma cultura pela outra, através de invasões, expropriações e etnocídio. Corroborando com o autor, pretendemos, aqui, pensar uma formação humana em interação e em diálogo com as singularidades de nosso território afro-pindorâmico. Ademais, na participação em um webinário<sup>i</sup> junto ao antropólogo Márcio Goldman no ano de 2020, Nêgo Bispo apresentou a perspectiva de uma educação cósmica, sobre ela, o autor assim explica:

[...] é para dizer que cada vez que você adjetiva uma coisa... aí quando você diz: cosmo-educação. Você tá indo do cosmo para a educação, você tá indo do integrado para o segmentado. Cosmo é o integrado, educação é o segmentado. Então você tem que dizer assim: educação cósmica. É o contrário! O que é que eu acho da educação cosmológica ou da educação cósmica e não da cosmo-educação? Cosmo-educação é colonialismo puro, agora educação cósmica é contra colonialismo. A gente tem que contra colonizar tudo! (Nêgo Bispo; Goldman, 2020, 1h21m05s).

A afetividade que permeia o benzimento se reflete também no ambiente escolar. As crianças, ao serem expostas a diferentes culturas e modos de vida, desenvolvem novas conexões afetivas e aprendem a valorizar o outro. Esse é um aspecto central da práxis pedagógica derivada dos saberes tradicionais: educar não apenas para o conhecimento formal, mas para a convivência em sociedade, para o respeito às diferenças e para a solidariedade. As práticas de cuidado e de benzeção que ocorrem fora dos muros da escola podem ser trazidas para dentro dela como ferramentas para combater preconceitos e fortalecer a identidade cultural dos alunos (Dias, 2019).

Os valores culturais afro-brasileiros e indígenas, ao serem incorporados ao ambiente escolar, podem desempenhar um papel crucial na promoção da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), alinhada com as disposições das Leis Federais n.º 10.639/2003 e n.º 11.645/2008. Estas leis estabeleceram a obrigatoriedade do ensino da cultura e história afro-brasileira e indígena no Brasil, com o objetivo de fomentar uma educação antirracista e descolonializar o currículo escolar. Nesse contexto, os movimentos indígenas e negros têm desafiado a sociedade e o sistema educacional brasileiro (Dias, 2024, p. 28).

Esses saberes, muitas vezes transmitidos de forma oral e em pequenos gestos cotidianos, são uma forma de resistência ao patriarcado e ao colonialismo. A afetividade matriarcal afro-indígena, presente na prática do benzimento, oferece uma alternativa ao individualismo e à competitividade que muitas vezes prevalecem nas sociedades modernas. As benzedeiras, como guardiãs dessa tradição, desempenham um papel revolucionário ao preservar e transmitir esses saberes, muitas vezes em oposição aos valores dominantes. Essa transmissão de saberes, por meio da prática comunitária e da afetividade, gera uma ruptura no sistema de ensino escolar patriarcal e formal, propondo novas formas de conhecimento e de viver em sociedade (Ngomane, 2022).

**Benzedeira Vitória:** Tudo que a vó ensinou para uma ensinou a outra, desde como plantar, como colher, como fazer o chá, chás de infusão, chás de decocção e chás de maceração. Simpatias para recaída, para mau olhado, para inveja, para quebranto, para achar o amor. Ensinou como deve ser uma mãe, como a gente deve educar os filhos, ensinou as orações, nos preparou para a vida de casada, como ouvir as pessoas, como ajudar, ou seja, tudo, absolutamente tudo que eu sei o que eu vivo foi minha avó que ensinou (Dias, 2019, p. 57).

Em suma, o ofício do benzimento não é apenas uma prática de cura, mas uma forma de educação e de resistência cultural. Ao preservar e transmitir saberes tradicionais, as benzedeiras contribuem para a saúde física e espiritual da comunidade, enquanto oferecem

## O Benzimento como Práxis Pedagógica Antirracista

uma alternativa à visão colonialista e patriarcal de mundo. Incorporar esses saberes no ambiente escolar é uma forma de valorizar as culturas populares e de promover uma educação mais inclusiva e solidária. A escola, assim como o ofício do benzimento, pode ser um espaço de cura, onde o afeto e o respeito mútuo são os pilares fundamentais para o aprendizado e o desenvolvimento das crianças e da comunidade como um todo.

### **Saberes Afro-Indígenas e a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC)**

É fundamental reconhecer que o discurso hegemônico dentro da área da saúde não é o único. Movimentos contra-hegemônicos, como a Reforma Sanitária, influenciados pela pressão social vinda de fora da biomedicina, conseguiram inserir no Sistema Único de Saúde (SUS) a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). Essa política busca garantir espaço na atenção em saúde para saberes e práticas não biomédicos, promovendo um olhar ampliado sobre o cuidado e o bem-estar. Assim, práticas como o benzimento e outras terapias tradicionais passam a ser reconhecidas e valorizadas dentro do sistema público de saúde, tensionando a necessidade de uma abordagem mais holística e culturalmente sensível na atenção à saúde da população.

O afeto, nesse contexto, cumpre uma função social de integração. Ele fortalece os laços comunitários e promove o bem-estar coletivo, combatendo as forças que geram ódio e preconceito, como o racismo. Para Nêgo Bispo, o motor social do racismo é o ódio, e a maneira de combatê-lo é através do cultivo dos afetos, dos sentimentos positivos que unem as pessoas e promovem o bem comum. A filosofia do *ubuntu*, que prega: "eu sou porque nós somos", está profundamente presente na prática do benzimento, onde a cura e o cuidado são sempre compartilhados, nunca individuais (Nêgo Bispo; Goldman, 2020).

Além disso, a preservação e a valorização do benzimento estão alinhadas com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, especialmente no que tange à promoção da saúde e bem-estar (ODS 3) e à valorização das culturas tradicionais e da educação de qualidade (ODS 4). Reconhecer essas práticas dentro das políticas públicas de saúde e educação é uma forma de fortalecer as identidades culturais e garantir um futuro mais inclusivo e sustentável para as comunidades tradicionais.

### **A Força das Conexões Cotidianas: O Papel da Comunidade no Bem-Estar Coletivo**

Ngomane (2022) descreve a importância e a potência da comunidade no exercício cotidiano de resolver situações e desafios, grandes ou pequenos, e ressalta que essa força

provém das conexões geradas entre os sujeitos em suas interações diárias. Essas trocas diárias moldam a existência e proporcionam um senso de pertencimento e apoio mútuo.

O conceito de comunidade, oriundo do latim: "communitas", pode ser aplicado a um grupo de pessoas que compartilham elementos em comum, como localização geográfica, traços culturais, história e valores. Comunidades familiares, religiosas, étnicas ou tribais exemplificam como os membros têm plena noção de sua importância e participam ativamente em prol do bem-estar coletivo.

No contexto de Foz do Jordão, as benzedeiras desempenham um papel fundamental como cuidadoras da saúde física e espiritual da comunidade. Elas preservam não apenas os saberes ancestrais, mas também a biodiversidade local, ao cultivarem plantas medicinais em suas residências, muitas das quais estão em risco de extinção. Essas práticas, sustentadas por gerações, destacam o caráter matricentral da comunidade, onde os conhecimentos são transmitidos de maneira oral e afetiva. As benzedeiras, organizadas em grupos familiares e religiosos, são exemplos vivos de uma comunidade tradicional que resiste às transformações do tempo (Dias, 2019).

Dessa forma, as narrativas de vida e familiar nessas comunidades estão impregnadas de resistência e aprendizado, especialmente nos domínios da educação e da saúde, tanto no âmbito familiar quanto no comunitário. Nascimento (1980), em sua obra: "O Quilombismo", retrata as aprendizagens familiares e comunitárias de sua infância, que o instigaram a questionar o sistema racista e a defender a criação de estruturas de resistência comunitária, inclusive em ambientes institucionalizados (Dias, 2024, p. 33).

A comunidade, nesse sentido, atua como um pilar de apoio e equilíbrio para o ser humano. Através da convivência com os outros, o indivíduo reconhece sua interdependência e entende que a comunidade é essencial para restaurar seu equilíbrio quando necessário. Essa interdependência está intrinsecamente ligada ao conceito de *ubuntu*, filosofia africana que rejeita a ideia de autossuficiência individual e ressalta a força que surge da coletividade. Segundo Ngomane (2022, p. 33):

O *ubuntu* rejeita a ideia de que um ser humano possa ser inteiramente autossuficiente, porque nenhuma pessoa pode existir isolada de outras. Eu sou apenas porque você é. No entanto, ele também vai além e destaca o incrível poder do qual podemos usufruir se optarmos por permanecer juntos.

Essa noção de comunidade, fortemente presente na filosofia africana, é amplamente explorada no trabalho das benzedeiras e suas práticas de cuidado em Foz do Jordão. Através

## *O Benzimento como Práxis Pedagógica Antirracista*

do conceito de "comunitarismo", que enxerga o ser humano conectado a seu contexto social e às suas tradições culturais, compreendemos que a saúde física e espiritual não pode ser desvinculada das interações sociais. O trabalho das benzedeiras exemplifica essa visão, ao conectar os cuidados do corpo e do espírito com a comunidade em que estão inseridas.

As constelações de aprendizagens, conceito metodológico desenvolvido por Silva (2016, 2019), nos permitem analisar os sujeitos dentro de sua estrutura social e cultural, revelando as aprendizagens de longa duração que moldam o imaginário, as trocas de saberes e a compreensão do mundo.

Portanto, a *care* enquanto conceito (para nosso estudo) abrange as questões direcionadas à área da saúde, do cuidado com o outro e de autocuidado, seja nas relações do ofício das benzedeiras ou nas relações de aprendizagens familiar e comunitárias [...]. Logo, as relações de aprendizagens dentro do ofício do benzimento estão permeadas pela generosidade e pela reciprocidade. As aprendizagens matrizcentrais se desenvolveram e perpetuaram na comunidade (através do tempo) pela relação de generosidade presentes na formação das benzedeiras e nas relações de reciprocidade entre elas e a comunidade, nos possibilitando evidenciar e analisar as constelações de aprendizagens (Dias, 2019, p. 44).

O estudo: "Constelações de Aprendizagens Quilombolas" (Almeida; Silva, Dias; Oliveira, 2022) é um exemplo desse enfoque, ao investigar como a memória e a resistência cultural das comunidades quilombolas preservam os saberes tradicionais. Esses saberes, transmitidos oralmente, formam uma base sólida para o pertencimento e a identidade comunitária, características essenciais para a manutenção da saúde integral.

Outro estudo relevante para o entendimento das práticas das benzedeiras: "Constelações de Aprendizagens no Cuidado e Autocuidado da Saúde Materno-Infantil" (Almeida; Silva, Dias; Oliveira, 2022), que destaca a urgência de desenvolver técnicas pedagógicas que valorizem os saberes tradicionais nos espaços institucionais, especialmente na educação formal. Este estudo também reforça a importância de enxergar a criança como um sujeito histórico, integrante da comunidade e ativo na formação cultural. A valorização desses saberes desde a infância é crucial para o desenvolvimento de um senso de pertencimento e para a preservação da identidade afro-indígena.

A preservação e transmissão dos saberes tradicionais entre gerações, especialmente pelas benzedeiras, evidenciam a resistência cultural frente aos desafios da modernidade. As práticas de benzeção, chás e simpatias não são apenas mecanismos de cura, mas também formas de educar e transmitir valores comunitários. Ao acolher seus consulentes com afeto,

as benzedeiras incorporam o espírito do *ubuntu* em sua *práxis pedagógica*, ensinando, através do exemplo e do cuidado, como viver em comunidade e manter os laços de solidariedade.

Nesse sentido, o ofício do benzimento ultrapassa a esfera do cuidado individual para se tornar uma prática pedagógica coletiva, onde o aprendizado ocorre de forma vivencial e comunitária. Esse aprendizado se estende ao ambiente escolar, onde as crianças podem ser introduzidas a esses saberes tradicionais como parte de sua formação cultural e social. Como ressaltado no estudo: "O Pertencimento Negro na Literatura Afro-Brasileira: Um Olhar para as Crianças como Protagonistas" (Almeida; Silva; Dias; Oliveira, 2022), a inserção de representações negras positivas e a valorização dos saberes tradicionais na literatura e no currículo escolar são essenciais para a construção identitária das crianças negras. Essas iniciativas também promovem uma educação mais inclusiva e conectada às realidades culturais da comunidade.

Existe uma coisa chamada ancestralidade. Antes dessa árvore, existiu outra árvore, e mais outra e outra... Antes de mim vieram os meus pais, os meus avós, os meus bisavós, os meus tataravós, os meus ta-ta-taravós... Todos eram reis, rainhas... Como pode existir o hoje, o agora, se você não conhece o seu passado, a sua origem, as suas características? É assim que a gente conhece a nossa ancestralidade. Isso é sabedoria e ancestralidade (França, 2020, p. 9).

De acordo com as constelações de aprendizagem, essa abordagem pedagógica é adequada para disponibilizar à experiência infantil elementos significativos da negritude em seu percurso escolar, criando um ambiente que favoreça aprendizagens comunitárias negras e articule símbolos de representatividade, pertencimento e ancestralidade – ou seja, um reconhecimento diário, no contexto escolar, das relações étnico-raciais (Barros; Freire, 2023). Nesse sentido, a literatura infantil pode oferecer uma prática pedagógica afirmativa, permitindo que crianças negras e não negras vejam o protagonismo negro nas histórias. Esse método pedagógico pode introduzir elementos que promovem o letramento racial e, assim, contribuem para a formação da consciência racial.

A afetividade, que permeia as práticas das benzedeiras, desempenha um papel crucial na propagação dos saberes tradicionais. Como aponta Sodré (2006), o afeto é uma força expressiva e interativa que molda as experiências humanas e influencia diretamente a forma como percebemos o mundo e nos relacionamos com os outros. No contexto do benzimento, o afeto é a base sobre a qual se constroem as relações de cuidado e a transmissão de saberes, gerando um equilíbrio entre corpo e espírito, essencial para o bem-estar comunitário.

## O Benzimento como Práxis Pedagógica Antirracista

Desde a infância, as crianças crescem ouvindo as histórias de seus avós ou deseus pais, essas lembranças possibilitam aos seus ouvintes criar um mundo de ideias sobre o passado. De alguma forma a narração das histórias e lendas antigas influenciam o imaginário coletivo, não importando para o grupo a veracidade dos fatos narrados, se a história é real ou não, mas sim o quanto essa história representa a comunidade como um todo (Dias, 2019, p. 29).

O exemplo das benzedeiras de Foz do Jordão revela como o afeto e o cuidado comunitário podem ser integrados à *práxis* pedagógica e às políticas de saúde. A Lei Municipal n.º 962/2022, que oficializa o ofício das benzedeiras no município, é um reconhecimento formal da importância dessas práticas para a saúde pública e para a preservação dos saberes populares. Esse reconhecimento reflete uma valorização crescente da medicina integrativa, que combina práticas tradicionais e modernas para promover uma saúde mais holística e inclusiva (Dias, 2019).

Essa integração dos saberes tradicionais no contexto educacional e de saúde é uma forma de resistência contra a hegemonia do pensamento colonial, que historicamente desvalorizou as culturas afro-indígenas. Incorporar essas práticas nos espaços institucionais é uma maneira de descolonizar o conhecimento e de promover uma educação e uma saúde que respeitem as tradições culturais das comunidades (Dias, 2024). O exemplo das benzedeiras, ao preservar e adaptar suas práticas às novas realidades, demonstra que o saber tradicional não é estático, mas dinâmico, capaz de se transformar e se adaptar sem perder sua essência.

Reunião dos pais e responsáveis realizada em 2023 no primeiro semestre: No decorrer da fala da equipe pedagógica, foi ressaltada a importância da participação dos pais e dos responsáveis na vida escolar das crianças. Foram abordadas temáticas como: o uso do uniforme, o qual dá o sentimento de igualdade entre as crianças e promove a segurança dos mesmos. Sobre o tratamento dos profissionais para com as crianças e das crianças para os profissionais, como o respeito e as normas institucionais. Nas falas dos responsáveis, pode-se notar o desconforto de alguns frente ao tratamento que seus filhos recebem de coleguinhas e professores. Outros agradeceram como seus filhos são acolhidos e tratados na escola. Assim, podemos observar que não houve questionamentos acerca da parte pedagógica do processo educacional, mas sim dos processos humanos que compõe as relações humanas no espaço analisado (Dias, 2024, p. 83).

Em suma, o ofício do benzimento é uma prática que conecta saúde, espiritualidade e educação, atuando como um elemento fundamental na preservação da cultura comunitária e no fortalecimento dos laços sociais. As benzedeiras, através de seu cuidado afetivo e de sua *práxis* pedagógica, não apenas curam o corpo e o espírito, mas também educam, transmitindo saberes que moldam a identidade e o pertencimento das novas gerações (Dias, 2024).

Incorporar essas práticas no ambiente escolar e nas políticas de saúde é um passo essencial para promover uma educação e uma saúde mais inclusivas, solidárias e conectadas às realidades culturais das comunidades tradicionais.

### **Considerações Finais**

O ofício do benzimento transcende a espiritualidade e a religião, desempenhando um papel essencial na saúde comunitária e na preservação de saberes tradicionais. As benzedereiras oferecem mais que cuidado físico e espiritual; elas mantêm vivas as heranças culturais que moldam a identidade e o bem-estar de suas comunidades, atuando como formas de resistência cultural e anticolonial, conforme proposto por Nêgo Bispo. Em Foz do Jordão, a prática da benzeção, reforçada pela Lei Municipal n.º 962/2022, exemplifica a relevância dessas tradições, reconhecendo-as como patrimônio cultural indispensável.

Benzedeiras como Dona Bina mostram que o benzimento é um sistema comunitário de apoio, um legado que se adapta ao tempo, mantendo-se eficaz em formatos modernos como atendimentos digitais. A prática pedagógica do benzimento, com sua capacidade de transmitir saberes através da vivência e do cuidado, ilustra uma forma de "educação cósmica" que resiste à segmentação.

A digitalização traz desafios, como a exposição a intolerâncias e preconceitos, mas também reforça a necessidade de um espaço escolar que valorize essa prática como ferramenta antirracista e de inclusão. Dessa forma, o benzimento não só se integra à práxis pedagógica como fortalece o tecido social ao promover empatia e solidariedade. A pesquisa conclui que, para que se criem sociedades mais coesas e respeitosas, é vital reconhecer e valorizar práticas tradicionais como essa, que carregam consigo ensinamentos de resiliência e cuidado coletivo, moldando um ambiente educacional que respeita e celebra a diversidade cultural.

Portanto, é possível concluir que os profissionais mantêm vivas essas aprendizagens em suas práticas, reforçando a importância da generosidade como um elemento fundamental para promover o bem-estar coletivo na comunidade, conectada às lições de cuidado e autocuidado absorvidas durante a infância. Para enfatizar esse processo de aprendizado contínuo, desenvolvemos um fluxograma que destaca os diferentes espaços frequentados por um fozjordense ao longo de sua vida. Esse esquema ilustra como essas interações ajudam

## O Benzimento como Práxis Pedagógica Antirracista

o indivíduo a explorar múltiplas perspectivas sobre o mundo, ampliando seu entendimento de si mesmo como cidadão e de seu papel na comunidade local.

### Referências

- ALMEIDA, Jaqueline Garcia Cavalheiro; SILVA, Jefferson Olivatto da; DIAS, Marcia Denise de Lima; OLIVEIRA, Tauana Aparecida de. Constelações de Aprendizagens Quilombolas. **VI Jornada Ibero-Americana de Pesquisas em Políticas Educacionais e Experiências Interdisciplinares na Educação**. Vol. 6, nº. 1, Junho/2022.
- ALMEIDA, Jaqueline Garcia Cavalheiro; SILVA, Jefferson Olivatto da; DIAS, Marcia Denise de Lima; OLIVEIRA, Tauana Aparecida de. Constelações de Aprendizagens no Cuidado e Autocuidado da Saúde Materno-Infantil. **VI Jornada Ibero-Americana de Pesquisas em Políticas Educacionais e Experiências Interdisciplinares na Educação**. Vol. 6, nº. 1, Junho/2022.
- ALMEIDA, Jaqueline Garcia Cavalheiro; SILVA, Jefferson Olivatto da; DIAS, Marcia Denise de Lima; OLIVEIRA, Tauana Aparecida de. O Pertencimento Negro na Literatura Afro-Brasileira: Um olhar para as crianças como protagonistas. **VI Jornada Ibero-Americana de Pesquisas em Políticas Educacionais e Experiências Interdisciplinares na Educação**. Vol. 6, nº. 1, Junho/2022.
- BARROS, José Wellington do; FREIRE, Edineide Castro. Autoimagem, representações e pertencimento étnico de estudantes negros nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 14, n. 30, p. 1 – 18, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3399>. Acesso em: 5 set. 2023.
- BISPO, Antônio. **Colonização, Quilombos**: modos e significados. Brasília: INCTI/UNB, 2015.
- BISPO, Antônio; GOLDMAN, Marcio. Metafísica na Rede: debate - Cosmopolítica e Cosmofobia. Brasília, 5 ago. 2020. 1 vídeo (1h53m30s). **Webinário publicado pelo Programa de Pós-Graduação em Metafísica da Universidade de Brasília**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lBlhkKzzHmo>. Acesso em: 4 maio 2024.
- DIAS, Marcia Denise de Lima. **Benzedeiras**: A Educação de Resistência Feminina de Mulheres Negras Pelas Ervas. 2019. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR, 2019.
- DIAS, Marcia Denise de Lima. **Ofício do benzimento**: Ubuntu e a práxis pedagógica comunitária antirracista. 2024. 147 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR, 2024.
- FOZ DO JORDÃO. **Lei Municipal n.º 962, de 2022**. Dispõe sobre o ofício das benzedeiras no Município de Foz do Jordão, valorizando os saberes populares, a ancestralidade, o incentivo à produção individual e coletiva de conhecimentos e dá outras providências. Foz do Jordão: Câmara Municipal, [2022]. Disponível em: <https://fozdojordao.pr.gov.br/legislacaoView/?id=15096>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- FRANÇA, Rodrigo. **O pequeno príncipe preto**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.
- NGOMANE, Mungi. **Ubuntu Todos os Dias**: Eu Sou Porque Nós Somos. São Paulo: Editora BestSeller, 2022.

SILVA, Jefferson Olivatto da. Processos de aprendizagem comunitárias e suas implicações no Ensino Superior. **Relatório de Pesquisa**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

SILVA, Jefferson Olivatto da. Religião e africanidades: práticas culturais de longa duração. In: GIL FILHO, Sylvio Fausto (org.). **Liberdade e religião: o espaço sagrado no século XXI**. Curitiba: CRV, 2016. p. 39-50.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

---

## Notas

<sup>i</sup> BISPO DOS SANTOS, Antônio; GOLDMAN, Márcio. “Metafísica na Rede: debate - Cosmopolítica e Cosmofobia”. Brasília, 5 ago. 2020. 1 vídeo (1h53m30s). Webinário publicado pelo Programa de Pós-Graduação em Metafísica da Universidade de Brasília. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lBlhkKzzHmo>. Acesso em: 04 de maio 2024.

## Sobre os autores

### Marcia Denise de Lima Dias

Professora Colaboradora na Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). Professora da Educação Infantil na rede municipal de ensino de Candói (PR), Doutora em Educação (PPGE-UNICENTRO). Membro do Núcleo de Estudos de Ameríndios e Africanos (NEAA-UNICENTRO). Membro do Comitê-Pacto de Direitos Humanos (UNICENTRO). Afiliação institucional: Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO).

E-mail: [mardias2020@gmail.com](mailto:mardias2020@gmail.com)

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-7645-0137>

### Jaqueleine Garcia Cavalheiro Almeida

Pedagoga na rede municipal de ensino Faxinal (PR), Mestranda em Educação (PPGE-UNICENTRO). Membro do Núcleo de Estudos de Ameríndios e Africanos (NEAA-UNICENTRO). Afiliação institucional: Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO).

E-mail: [garciaajaque@gmail.com](mailto:garciaajaque@gmail.com)

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2669-9898>

### Adonias Nelson da Luz

Doutorando em Educação pelo programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (PPGE/UNICENTRO). Membro do grupo de pesquisa Sociedade, Formação, Cultura e Tecnologia.

E-mail: [prof.adoniasluz@outlook.com](mailto:prof.adoniasluz@outlook.com)

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-0532-7355>

Recebido em: 06/02/2025

Aceito para publicação em: 19/02/2025